



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO  
SANTO LICENCIATURA INTERCULTURAL  
INDÍGENA**

**MEMORIAL**

**Adriana Vitoriano Barbosa**

**Aracruz-ES**

**2022**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**  
**LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA**

**MEMORIAL**

**Adriana Vitoriano Barbosa**

Memorial que acompanha o produto educacional do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao PROLIND como requisito para obtenção do título de Graduado em Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade Federal do Espírito Santo.

Orientadora: Ozirlei Teresa Marcilino  
(UFES)

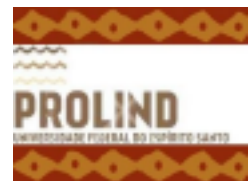
**Aracruz - ES**

**2022**



## SUMÁRIO

<b>1. APRESENTAÇÃO</b> .....	03
<b>2. MINHA TRAJETÓRIA</b> .....	04
2.1. VIDA PESSOAL.....	04
2.2. PERCURSO ACADÊMICO.....	08
2.3. TRAJETÓRIA PROFISSIONAL.....	13
<b>3. O QUE MOTIVOU A SUA PESQUISA?</b> .....	19
3.1 Problema da pesquisa.....	22
3.2 Objetivos.....	22
3.3 Percurso metodológico.....	23
<b>4 O PRODUTO EDUCACIONAL</b> .....	26
<b>5 CONSIDERAÇÕES</b> .....	28
<b>7. CRÉDITOS E AGRADECIMENTOS</b> .....	30
<b>8. BREVE PALAVRA DA ORIENTADORA</b> .....	31



## 1. APRESENTAÇÃO

Este memorial faz parte do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da Licenciatura Intercultural Tupinikim e Guarani (PROLIND-UFES). O mesmo tem como objetivo apresentar o produto educacional, considerando o tema da pesquisa e principalmente, relatar um pouco sobre a minha vida pessoal, acadêmica e profissional.

A proposta do produto educacional trata-se de um livro que traz como abordagem o tema “Saberes Lunares Tupinikim na aldeia de Caieiras Velhas”. Este livro é resultado de várias pesquisas e entrevistas realizadas ao longo do desenvolvimento do TCC, mas se originou principalmente a partir de atividades desenvolvidas em salas de aula, com alunos do ensino fundamental II na “Escola Municipal de Ensino Fundamental Indígena Caieiras Velha” e que está localizada em Caieiras Velha, que é uma das aldeias de etnia Tupinikim do município de Aracruz- ES.

Além de experiências em sala de aula, o tema da pesquisa está relacionado aos momentos familiares, a vivência na aldeia, o diálogo com os sábios e sábias Tupinikim, incluindo os relatos de experiência e observação do dia a dia do meu pai. O mesmo além de ser artesão e realizar plantios, tem uma grande experiência na prática de pesca no rio Piraquê-Açú, sendo por este motivo, umas das escolhas para exemplificar a cultura Tupinikim.



A vivência com meu pai e o senhor “Neguinho” (In memória), seu amigo e companheiro de pesca. Os diálogos com Manoel dos Santos e Dona Preta, despertaram várias curiosidades e observações que me encantavam diariamente. Ao conseguir compreendê-los, seus conhecimentos de pesca e observações Lunares influenciaram e possibilitaram esta pesquisa.

Outras conversas com nossos mais velhos também fazem parte de minha memória e permitiram o resgate e o registro de experiências que fortalecem a nossa identidade enquanto povo indígena Tupinikim garantindo assim a manutenção desta cultura milenar.

## **2. MINHA TRAJETÓRIA**

### **2.1. VIDA PESSOAL**

Meu nome é Adriana Vitoriano Barbosa, tenho 37 anos de idade, nasci no município de Guapimirim, estado do Rio de Janeiro. Sou índia da etnia Tupinikim e moro na aldeia de Caieiras Velhas. Sou casada (não no civil) com João Batista a quase 6 anos e desta união nasceu Davi Alencar (5 anos de idade). Tenho também outros 2 filhos do meu primeiro relacionamento, que se chamam Ryan Pablo (19 anos) e Raylan Brenner (13 anos). Meu pai se chama Eunício Barbosa da Conceição, minha mãe Martha Vitoriano. Tenho 4 irmãos de relacionamentos diferentes: Edson, André; Priscilla, Victor e a Victoria.

Existem vários momentos importantes da minha vida que eu gostaria de compartilhar, entretanto, vou tentar resumir e destacar apenas alguns. Desde aproximadamente os meus 3 anos de idade que moro com meu pai e meu irmão Edson. Meus pais se separaram quando eu era ainda uma bebê. Só consegui conhecer minha mãe recentemente, quando fui me encontrar com ela no Rio de Janeiro, já estava com 32 anos de idade.



A ausência de minha mãe me fez muita falta, principalmente na infância e adolescência. Sempre chorava bastante, queria saber quem era ela, como poderia encontrá-la. Vários questionamentos e dúvidas se passavam em minha mente, mas graças a Deus pude ouvir e conhecer também a sua história. Hoje estou feliz por ter minha família completa.

Mas é importante destacar que apesar de meus pais terem se conhecido no Rio de Janeiro, os dois possuem suas raízes Tupinikim. Minha mãe também nasceu aqui na aldeia. Ela foi adotada por uma indígena Tupinikim, moradora da aldeia de Caieiras Velha, conhecida como Dona Odila, que ao ir morar fora a levou consigo. A minha avó, que já é falecida, antes de ter ido embora deixou um recado para o meu avô paterno, para que quando um dia ele precisasse, o mesmo poderia procurá-la, e assim ele fez.

Meu avô Anizio, viajou e levou consigo seus filhos e desta forma lá no Rio de Janeiro, meus pais se conheceram e foram morar juntos. Esta parte da minha história é muito importante, pois trata-se de reconhecer também as nossas raízes Tupinikim.

Precisamos conhecer nossa origem, principalmente quando somos indígenas, pois sofremos muito com o preconceito, tanto fora da aldeia, como dentro dela. Tenho um orgulho imenso de saber que apesar de eu não ter nascido na aldeia, também sou uma Tupinikim. Me sinto feliz e realizada por ter crescido junto com o meu povo indígena e por ter tido a oportunidade de poder desenvolver esta pesquisa.

Eu era muito pequena quando cheguei na aldeia, uns falam que eu tinha dois anos, outros dizem que já tinha 3, meu pai que hoje está com 66 anos de idade, não se lembra muito bem. Mas foi com muito sacrifício que ele criou eu e meu irmão. Trabalhava no manguezal, catava caranguejo para vender, também pescava,



coletava outros mariscos pra comer, fazia armadilhas na mata para pegar caças. Muitas dessas práticas atualmente não estão sendo possíveis devido a problemas ambientais.

Eu e meu irmão muitas vezes para enganar a fome, enquanto nosso pai não chegava, comíamos alguns frutos maduros e verdes, tais como; laranja, abacate, coquinhos do mato, araçá, castanhas secas e outras coisas.

Foi também devido a essas dificuldades que meu pai após a separação só teve mais um relacionamento quando éramos criança e que teve como fruto o nascimento do André, um bebezinho lindo. A mãe era uma pessoa com deficiência, não sei ao certo qual a necessidade especial. Mas o fato triste foi que papai sozinho, não teve condições para cuidar do bebê. Ele foi adotado por uma mulher de Coqueiral que já ajudava a nossa família. Essa senhora sempre doava alimentos e roupas para nós. Não foi fácil e todos sofremos até hoje, por não ter mais notícias do nosso irmão.

Em relação ao ambiente de casa, cresci num lar muito machista. Adquirit muitas responsabilidades, tive que ser a mulher, a dona da casa. A única coisa que eu não fazia era comida, essa tarefa era do meu irmão, um ano mais velho que eu. Não julgo meu pai por isso porque ele batalhou muito para nos criar. Graças a seu esforço e dedicação, hoje me tornei uma grande mulher.

Minhas angústias eram apenas devido à falta de afeto, de carinho, muitas vezes eu queria brincar e não conseguia. Eu acredito que talvez tenha brincado pouco, pois tenho poucas lembranças desses momentos; mas me recordo de algumas brincadeiras destas épocas, como por exemplo: casinha, cozinhadinho, pique pega, bandeirinha, queimadas, pique bandeira, amarelinha, elástico, pique lateira, igrejinha. Me recordo também de momentos no Rio Piraquê-Açú.



As maiores tristezas dessa época, estão muito mais relacionadas a uma solidão imensa que eu sentia, principalmente devido a falta de minha mãe. Na época de criança e adolescência eu sofri muita violência sexual, pessoas que chegaram a me tocar. Então eu me sentia sozinha, sem ter com quem desabafar e carreguei essas angústias por muito tempo. Lembranças que me machucaram e que contribuíram para que por vários momentos entrasse em depressão, principalmente na fase adulta.

Tive problemas sérios com a depressão. Mas graças a Deus, pouco a pouco estou me libertando. Recentemente percebi que precisava de ajuda profissional, além da espiritual. Inclusive quero aproveitar este momento para pedir desculpa aos meus filhos, pelo sofrimento que sei que os fiz passar ao tentar tirar minha vida. Novamente as lágrimas caem em meus olhos, mas quero que saibam que me arrependo por ter pensado nisso e que nunca vou abandoná-los.

Não queria relatar isso aqui, mas acredito que esta também é uma forma de eu conseguir me perdoar. Acho importante deixar esse registro para que saibam que ninguém nunca teve culpa dessa doença. Nem eu mesma. Hoje descobri que a felicidade existe, essa alegria que a gente acaba buscando nos outros, na verdade está dentro de nós.

Precisamos olhar para nós mesmos e enxergar que tudo é belo e maravilhoso. Devemos ser muito gratos: a gente tem o ar pra respirar, a água para beber, podemos abrir os olhos e observar a natureza, temos algo para comer, uma cama para dormir, o vento que nos refresca, uma terra para plantar e colher, podemos nadar, correr, sentar, escrever, abraçar, sorrir, chorar, podemos sonhar e buscar a realização dos nossos sonhos. São tantas dádivas, a gente é feliz e não sabe.

Tive uma rotina muito caseira que se baseava em casa, escola e igreja. Um dos momentos de lazer que me era permitido na adolescência, foi o futebol. Eu jogava





futebol na escola, no campo, na quadra, na areia. Joguei muito futebol e sempre me dediquei aos estudos, inclusive depois que casei e tive filhos.

A escola sempre foi meu refúgio desde a infância, gostava de estudar, de ajudar meus colegas e me dedicava a aprender cada vez mais. Ler e escrever me trazia uma libertação. Lembro que quando eu tinha 15 anos, tinha um caderno com mais de 200 poesias e poemas de minha autoria.

Também gostava da pesquisa. Quando eu não conseguia aprender um conteúdo, em casa eu me debruçava nos livros até conseguir aprender. Hoje ainda continuo assim, não sei se tenho o mesmo vigor, as vezes acredito que sim e outras vezes sinto que preciso melhorar, mas o fato é que com o Prolind estou tendo a oportunidade de renovar minhas energias, de estar tendo um maior contato com os meus sábios Tupinikim e a partir destas aprendizagens está sendo possível a realização de um grande sonho, que é escrever um livro sobre o meu povo.

## **2.2. PERCURSO ACADÊMICO**

Cresci cheia de sonhos. Quando criança tinha o sonho de fazer meu aniversário de quinze anos, fazer faculdade e outros. Nenhum deles aconteceu da forma que eu gostaria, mas vou relatar um pouco sobre o meu percurso acadêmico.

Sempre fui muito dedicada nos estudos, em todo meu ensino básico; eu nunca reprovei, nem fiquei de recuperação e, tinha boas notas. Estudei até a quarta série na aldeia, na verdade nesse intervalo tive que estudar um tempo fora, na Barra do Sahy, acredito que tenha sido na terceira série, pois fiquei com minha tia quando meu pai fez uma viagem para o Rio de Janeiro.



Ele não ficou fora por um ano, o que aconteceu foi que na volta, sofreu um acidente de ônibus, fraturou o braço, tendo que ficar internado para ser operado e depois precisou fazer fisioterapia. Assim, para não nos deixar sozinhos, ficamos com nossa tia Maria.

Da quinta série até o ensino médio fui estudar em Coqueiral, na escola EEEFM Primo Bitti. Um bairro próximo a minha aldeia. Isso porque aqui não tinha essas turmas. Com dez anos eu já tinha decidido que queria ser professora, mas ainda não sabia a área. No ensino médio que consegui me identificar, queria fazer algo na área de exatas, então pela ordem estava decidida fazer Física, ou Matemática, ou Química e depois a Biologia.

A minha ideia seria terminar o ensino médio e já tentar uma bolsa na faculdade do município de Aracruz. Naquela época existia uma parceria com a antiga Aracruz Celulose que pagava 70% do valor do curso e a instituição FACHA (Faculdade de Ciências Humanas de Aracruz) que hoje se chama FAACZ (Faculdade Integradas de Aracruz) arcava com os 30% restantes. Porém não consegui fazer o vestibular, porque terminei o ensino médio grávida.

Dois anos depois, fiz a prova e consegui a bolsa, comecei estudar o curso de Engenharia Química, que era o que mais se aproximava das minhas escolhas. Estudei apenas um semestre e tirei boas notas, mas como nossas aldeias entraram novamente no processo de luta pela terra, a bolsa foi cortada. Alguns alunos conseguiram dar continuidade e se formaram, pois a instituição manteve os 30%. No meu caso, não consegui, pois os 70% era um valor que eu não conseguia pagar.



Alguns anos depois recebi a proposta para lecionar Ciências Naturais na escola, eu já estava trabalhando a um ano como auxiliar de secretaria escolar. No começo fiquei bastante insegura pois a Biologia era minha última opção. Mas pensei bastante e aceitei, também gostava de Ciências e com isso comecei a lecionar para as turmas de 6º ao 9º ano e, ao mesmo tempo, estudar Ciências Biológicas na antiga Fabavi, na Serra, no ano de 2007.

Não foi fácil concluir a faculdade. Só consegui após 13 anos. Ou seja, me formei muito recentemente, agora no ano de 2020 pela Universidade Paulista (UNIP). Muitas coisas aconteceram nestes anos. No início, eu estudava presencialmente, todos os dias ia para a Serra, saía de tarde, às vezes 12h, outras vezes 14h e só retornava 24h, ou até de madrugada quando o transporte dava problemas.

Foram quase praticamente 7 anos indo pra Serra ou Vitória. Na Fabavi entre idas e voltas cheguei a estudar até faltar apenas um semestre para me formar, mas não consegui finalizar devido a vários fatores, tais como: filhos doentes, separação, depressão, falta de recursos. Com o meu salário eu tinha que pagar mensalidade, transporte, material didático e fora as despesas da casa. Na faculdade também passei muitas horas com fome devido a essa jornada de horário, sempre preferia deixar de comer quando tinha dinheiro, para conseguir comprar alguma apostila.

Com a separação a situação piorou ainda mais, Ryan só tinha 6 anos e Raylan era um bebê. Ambos também tiveram depressão. Raylan adoeceu de uma certa forma que foi difícil para os médicos descobrirem, ele fez vários exames e nada, até depois perceberem que se tratava de depressão.

Já o Ryan, quando tinha 3 anos sofreu um acidente de moto que deixou uma cicatriz no rosto, então aos 6 anos de idade após a separação, ele também passou



por um longo processo de tristeza. Várias vezes o encontrava chorando escondido pelos cantinhos que minha casa tinha, ele dizia que era muito feio e por isso seu pai havia o abandonado.

Não foi fácil cuidar deles sozinha, nesta mesma época também fiquei desempregada, muitas vezes faltava alimentos. Meu pai e a avó paterna dos meus filhos, a “Dona Preta” que me ajudaram bastante, sempre estiveram presentes me auxiliando, cuidando de mim e de meus filhos.

As pessoas me viam alegre e sorridente, mas não imaginavam o que eu estava sentindo, do quanto era difícil me concentrar nas aulas, a preocupação que eu tinha em deixar em casa meus filhos, as dificuldades financeiras que enfrentava.

Não tinha mesmo como continuar estudando. Doía quando eu sabia que falavam mal de mim, muitas vezes até colegas muito próximos, dizendo que eu não me dedicava nos estudos e que por isso que eu não terminava a faculdade. Eu chorava e questionava com Deus dizendo: “Por que eu não consigo me formar, já que sou muito esforçada nos estudos?”

Tentei retornar a distância em uma instituição na Serra, a Uniasselvi, mas também não consegui, pois além de dificuldades financeiras, o polo se localizava em um bairro muito perigoso. Resolvi retornar presencialmente no Salesiano, no centro de Vitória, mas também sem sucesso.

A grande dificuldade financeira, fez com que eu desistisse e tentasse uma bolsa em uma instituição federal, assim consegui e comecei estudar Licenciatura em Química no IFES Aracruz. Estudei apenas 1 ano e meio até que consegui a bolsa do Prolind pela Ufes, e optei por ela em 2015.



Em 2016, conheci meu atual esposo João Batista que me incentivou a retornar e terminar o curso de Ciências Biológicas. Como eu não queria estudar longe porque estava grávida do Davi, decidi e iniciei do zero. Em 2017 comecei estudar a distância, pela Unip (polo de Vitória), e assim consegui me formar.

Sou muito grata a Deus e a minha família por ter me dado muita força, me formei em 2020, em 2021 fiz uma pós-graduação em Metodologia de Ensino de Ciências Biológicas pela Uniasselvi. Atualmente estou finalizando o Prolind, estudando Gestão Ambiental e também finalizando outra pós-graduação em Gestão e Educação Ambiental.

O Prolind, tem sido muito importante na minha vida acadêmica, profissional e também pessoal. Trata-se de uma Licenciatura Intercultural Indígena Tupinikim e Guarani que habilita os alunos em três áreas: Ciências Sociais e Humanidades; Linguagem, Arte e Comunicação e Ciências da Natureza e Matemática.

Eu optei pela área de Ciências da Natureza e Matemática e está sendo incrível conciliar todas as disciplinas que quando adolescente havia escolhido para estar fazendo uma faculdade e sem contar os conhecimentos que estou adquirindo da minha cultura.

O curso tem proporcionado experiências que em outras instituições de ensino nunca me proporcionaram, desde o ensino médio sempre sofri com a crítica e com o preconceito. No ensino médio era a filha do caranguejeiro, a que fedia a fumaça, a índia. Na faculdade, seja na Serra ou em Vitória também não me via como indígena, era descendente de outro povo, inclusive diziam que eu era filha de Japonês.



Em Aracruz tinha que ouvir xingamentos, dizendo que éramos os que atrapalhavam o progresso do município, os preguiçosos. Ou seja, apenas agora estou podendo adquirir os conhecimentos científicos de forma prazerosa. A metodologia que os professores vêm trazendo ao longo destes tempos de estudos que já vai para os 7 anos, tem sido fundamental para a minha vida.

O Prolind contribui para o fortalecimento da minha identidade cultural e possibilita um olhar mais cuidadoso e carinhoso sobre o meu povo. Estou tendo a oportunidade de ser a autora de minha própria história.

### **2.3. TRAJETÓRIA PROFISSIONAL**

Com dez anos de idade eu já tinha escolhido que seria professora, não me lembro ao certo o porquê, mas me recordo de um momento de atividade prática que fizemos sobre a reciclagem de papel e que gostei muito. Este dia ficou marcado em minha memória. Quando fui estudar em Coqueiral na escola “EEEFM Primo Bitti” esta vontade se intensificou, eu comecei a gostar bastante da área das exatas.

Meu pai não tinha muitas condições, mas ele fazia de tudo para comprar nossos materiais escolares, ele ia para as praias vender caranguejo e me levava junto, lembro de várias vezes eu junto com ele em Barra do Sahy, na Praia dos Padres, em Jacaraípe, e outros lugares. Nesta época, apesar dos alunos me zoarem eu permanecia concentrada nos estudos, continuava ajudando os colegas e tinha decidido que queria fazer física.



Apenas uma vez que pensei em desistir. Lembro que pensei em fazer artes ou arquitetura, mas quando eu olhei para os desenhos dos meus colegas, vi que eles tinham mais habilidades do que eu. Até me questionei “Meu Deus se eu não for professora, vou fazer o quê?”. Depois eu percebi que queria mesmo era ser professora, eu gostava de ensinar meus colegas, principalmente os cálculos.

Também gostava de apresentar trabalhos na frente. Sempre me considerei tímida, mas quando tinha trabalhos, estudava o máximo possível para poder fazer uma boa apresentação. Isso acontecia no ensino médio e também na faculdade. Mas quanto à profissão, havia escolhido fazer física porque era a disciplina que eu percebia que meus colegas tinham muito mais dificuldades e eu gostava muito de ajudar.

Após terminar o ensino médio, para minha surpresa muitos colegas, outros jovens e adultos, me procuravam em casa, para auxiliá-los com suas atividades. Eu sempre estava disposta a ajudar, na maioria das vezes eram atividades de física, química e matemática. Também cheguei a ajudar o filho de um casal que estudava em um colégio particular. Me lembro que sentia um enorme orgulho e satisfação pelo que fazia.

Era muito frequente a ajuda que eu concedia quando me procuravam em casa, minha estratégia era a seguinte: primeiro eu perguntava: você trouxe a atividade? deixa eu ver? às vezes eles levavam, outras vezes não, então eu pedia para trazer. Eu olhava a atividade, e quando eu sabia o conteúdo, eu já marcava para no outro dia eles virem buscar. Quando era algo que eu não lembrava, então eu marcava uns dias a mais para virem buscar a atividade.

Desta forma eu respondia as questões. Quando eu não sabia, eu lia os livros e tentava lembrar ou até mesmo aprender a matéria. No dia que a pessoa voltava para buscar a atividade, eu não entregava logo, eu dizia, senta aqui que eu vou te



ensinar como se faz. Eles sentavam junto comigo, no quintal de casa, e eu ensinava passo a passo toda a atividade. Tinha algumas que eu não conseguia mesmo fazer. Depois eu entregava a folha com as respostas. Tinha vezes que alguns me procuravam para ensinar o conteúdo, porque estavam em períodos de prova. Eu amava ajudar.

Estas minhas práticas chegaram ao ouvido das lideranças, ou da escola. Acredito que por esta razão, se não me engano, por duas vezes me procuraram para poder substituir algum professor. Em 2006 recebi o convite para trabalhar na escola como auxiliar de secretaria e no ano seguinte para lecionar a disciplina de Ciências da Natureza para os alunos de 6º a 9º ano.

Quando em 2006 eu comecei trabalhar como auxiliar de secretária, passei também a participar como ouvinte das formações para professores que aconteciam na escola, a convite da diretora. Então no ano de 2007, antes do ano letivo começar, me fizeram a proposta para dar aulas.

A escola estava precisando de professor de Ciências e de Educação Física. Eu aceitei lecionar Ciências, estava com 22 anos de idade. No início tive medo, pensava na timidez. Mas comecei a ler muitos livros para relembrar os conteúdos e acabei me apaixonando pela disciplina.

No primeiro dia foi bem difícil, minha primeira aula foi em uma turma que meus alunos tinham quase a minha idade. Eram alunos com idade de defasagem escolar. Eles eram maiores, faziam muitas perguntas, mas isso fez com que eu quisesse aprender cada vez mais. As maiores dificuldades que eu tinha era relacionar os conteúdos considerando a especificidade da nossa cultura Tupinikim.





Por este motivo, busquei aprender elementos da cultura que eu também desconhecia, passei a conversar com os mais velhos, realizar as atividades de entrevistas e pesquisas juntos com os alunos visitando a casa dos nossos sábios e sábias.

Comecei a coletar diversos materiais e fui aprendendo a elaborar meus planos de ensino de acordo com as problemáticas escolares. A cada dia fui aprendendo e estou aprendendo até hoje, onde inclusive estou tendo que reelaborar meu plano de ensino de acordo com a nova proposta do governo: a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Como professora de Ciências, gosto muito do trabalho interdisciplinar, e este mesmo ficou muito mais intensificado na pandemia, onde nosso grupo de professores do ensino fundamental se uniu ainda mais.

Antes da pandemia causada pelo Coronavírus, sempre gostei de realizar aulas de campo, visitando os diferentes espaços dentro da comunidade, promovendo o diálogo entre os alunos e os nossos sábios. Espero que em breve possa estar retornando às atividades práticas. Gosto muito também de realizar projetos que são propostos pela disciplina e pela escola.

Em 2012 ganhei o prêmio de professor destaque, com o projeto que abordava os conteúdos sobre plantas medicinais. Outros colegas da EMEFI Caieiras Velha também ganharam. Me sinto feliz sendo professora, e este ano foi a primeira vez que recebi como formada. Apesar de ter concluído em 2020, em 2021 meu contrato foi prorrogado e assim não consegui receber considerando minha formação.



Estou extremamente feliz e me sinto realizada profissionalmente, foi muito difícil chegar até aqui, mas eu nunca desisti dos meus sonhos, eles apenas precisavam acontecer no tempo certo, não tenho nenhum arrependimento por ter parado em alguns momentos. Sou grata a Deus porque hoje meus filhos têm saúde, e eu também estou bem.

Foram anos correndo atrás desses sonhos e valeu a pena. Sou muito grata a minha comunidade que me acolheu como professora. Aprendi e aprendo bastante com as formações continuadas, com o planejamento pedagógico das escolas EMEFI Caieiras Velha e EMEFI Arandu Retxakã, na qual trabalho atualmente.

São duas escolas com suas singularidades, uma pertence a etnia Tupinikim e se localiza na aldeia Caieiras Velha e a outra a etnia Guarani e se localiza na aldeia Três Palmeiras, ambas fazem parte do município de Aracruz-ES.

A gente quando se torna professor, não paramos de estudar. Estamos sempre em processo de formação, buscamos acompanhar os novos tempos, novos conhecimentos, que é fundamental para nosso processo de ensino e aprendizagem. Mas o curso do Prolind, eu quero destacar novamente aqui na minha trajetória profissional, porque tem me concedido um crescimento que vai além do científico, trata-se também de um conhecimento identitário.

É um curso específico que dá importância a nossa identidade indígena, coisa que nenhuma graduação não indígena faz. Eu aprendo em sala de aula e consigo aplicar com meus alunos esses novos conhecimentos. Os trabalhos de tempo aldeia me permitem sempre estar conectada e valorizando os conhecimentos dos nossos sábios Tupinikim.



São quase 15 anos de experiência profissional e lecionar nas escolas indígenas não é tarefa fácil, pois nós educadores temos a missão de contribuir com o processo de ensino e aprendizagem dos nossos alunos incluindo o fortalecimento cultural.

Apesar de crescer na aldeia, muitos elementos da minha cultura eu vivenciava, mas sem dar a devida atenção. Então em sala de aula, tive que reaprender e passar a enxergar os nossos modos de viver com um novo olhar, aprendi e aprendo até os dias de hoje que os conteúdos curriculares precisam fazer sentido na vida dos alunos.

Trabalhando com as problemáticas curriculares propostas pela educação escolar indígena, a mesma me permite partir da nossa realidade. Para reaprender sobre minha cultura e conseguir desenvolver minhas aulas de forma intercultural, de forma dinâmica e mais agradável, uma das principais práticas é a visita de campo na casa de nossos sábios e sábias da aldeia.

Os nossos mais velhos, são os detentores do conhecimento. Antes da pandemia, sempre tive a oportunidade de sair com os meus alunos para realizar diversas entrevistas, dependendo do tema que estávamos abordando. Isso fez com que eu aprendesse junto com eles e a cada dia pude aprimorar as minhas práticas. Eu cresci ouvindo as histórias dos nossos sábios, sempre respeitando seus momentos de fala, ouvindo com atenção.

Agora eu tenho a tarefa de fazer com que nossos alunos, compreendam a importância da valorização dos conhecimentos dos nossos mais velhos, pois tratam-se de saberes tradicionais, que contribuem para a manutenção da nossa identidade Tupinikim.



Eu amo minha profissão, os mais velhos são minhas fontes de inspiração, de respeito, amor ao próximo e à vida. Precisamos cuidar de cada um não para colher seus conhecimentos, mas para que possamos aprender a cada dia a construir um mundo melhor.

### **3. O QUE MOTIVOU A SUA PESQUISA?**

Eu amo estar próxima aos nossos sábios, sem eles jamais eu teria conseguido desenvolver minha pesquisa. Seus ensinamentos me permitem hoje, por exemplo, compreender que a Lua não é apenas um simples satélite natural. Quando converso com meus alunos, quando estamos trabalhando alguns temas dentro da Astronomia, por exemplo, a Lua primeiro é reconhecida como a nossa avó, aquela que nos ensina a cuidar da nossa mãe Terra, a que nos mostra em nossa cultura os tempos corretos para desenvolvermos as nossas práticas culturais.

Os nossos sábios Tupinikim não me ensinam somente a elaborar um plano de aula, eles me ensinam a viver. Neste sentido o que me motivou a pesquisa está relacionado a minha vida pessoal e ao tempo de experiência que tenho em sala de aula. Vou dividir a escolha do tema para este Trabalho de Conclusão de Curso “Saberes Lunares Tupinikim na aldeia de Caieiras Velha” em três momentos.

O primeiro momento aconteceu quando eu era criança, onde por meio da curiosidade e do encantamento ouvia meu pai dizer: “Esperem aí que vou lá no rio buscar peixe”, “Amanhã vou lá olhar o 'mundel' e pegar aquela caça”, “Vou lá catar uns caranguejos”, “Hoje vou buscar uns cipós para fazer o samburá”.



Quando dizia essas e outras frases, ele sempre observava a Lua, às vezes de dia e a maioria das vezes de noite. A Lua sempre foi a sua referência para realizar determinadas práticas e eu não compreendia.

O segundo momento foi quando me tornei professora de Ciências nos anos finais do Ensino Fundamental. Ao lecionar os conteúdos de Astronomia e tentar relacionar os mesmos com a cultura, percebi a necessidade de que eu tinha de aprender mais sobre meu povo indígena, desta forma passei a conversar ainda mais com os nossos sábios e fui percebendo a grande importância que era e ainda continua sendo dada a influência Lunar.

Comecei também a buscar respostas com o meu pai, lembrando o que eu observava e tinha dúvidas quando criança. Quando comecei a perceber o quanto ele conhecia sobre a influência da Lua nas marés, para a pesca, a coleta de madeira e exercer outras atividades, fiquei maravilhada com seus conhecimentos.

Foi assim que consegui fazer um trabalho muito mais específico e diferenciado. Junto com meus alunos, começamos a pesquisar e entrevistar os nossos sábios da aldeia. Elaboramos muitos questionamentos para tentar compreender a influência da Lua nas atividades culturais que marcavam a cultura tradicional Tupinikim na aldeia de Caieiras Velha. Fizemos visitas nas casas de pescadores, catadores de caranguejos, agricultores e outros. Os alunos também faziam pesquisas com seus familiares e assim coletei vários materiais escritos, inclusive desenhos.

O terceiro momento iniciou-se ainda em sala de aula e com o TCC. Eu precisava catalogar todos os dados das pesquisas que havia desenvolvido, já havia iniciado este trabalho e durante a produção escrita senti a necessidade de dar continuidade a pesquisa, pois novas dúvidas surgiram.



Acendeu um desejo de tentar criar um calendário que possibilitasse a compreensão da organização Tupinikim nas suas práticas culturais quanto à observação Lunar.

Então retornei as pesquisas no final do ano de 2019 e tentei dar continuidades nos anos seguintes, sem muito sucesso, uma vez que no ano de 2020 fomos todos afetados pela pandemia da Covid-19, que fez com que todos, inclusive ainda no 2021 adotássemos várias medidas e protocolos estabelecidos pelo ministério de saúde, a fim de nos prevenir desta doença.

Escrevi me baseando nos dados já antes coletados e com algumas entrevistas. As pesquisas seguiram de forma cautelosa e mais individual sob orientação de minha orientadora, e tendo todo cuidado ao visitar alguns sábios e sábias Tupinikim.

Desta forma o TCC tem como objetivo: Sistematizar um material didático com um modelo de calendário lunar Tupinikim a fim de valorizar os saberes lunares Tupinikim e a prática da pesca no rio Piraquê- Açu a partir da compreensão e organização do povo indígena da aldeia de Caieiras Velha.

Esta é uma das formas de valorizar a cultura milenar, garantir a continuidade e permanência dos conhecimentos tradicionais em todas as gerações e auxiliar na criação de outros modelos de calendário Tupinikim.

Os Saberes Lunares Tupinikim ensinam a utilizar os recursos naturais com estratégias sustentáveis, a fim de preservar a mãe Terra. A educação é o melhor caminho e ela abre as portas.



### 3.1 Problema da pesquisa

As atividades práticas culturais que são realizadas pelo povo Tupinikim acontecem naturalmente sob a observação da Lua. Entretanto, essa riqueza milenar está apenas na memória e vivência do povo, principalmente dos mais velhos, que são considerados os nossos sábios.

Esta sabedoria precisa ser passada de geração a geração para que a cultura Tupinikim possa se manter viva. Não existe nenhum registro escrito sobre a organização do povo Tupinikim da aldeia de Caieiras Velhas, que considera a relação das práticas culturais e a influência da Lua neste processo.

Os sábios Tupinikim destacam a grande importância da Lua e citam a mesma em quase todas as ações diárias. Assim é possível compreender os Saberes Lunares dentro de um caminho. Entretanto, a partir das pesquisas registradas e catalogadas, surgem alguns questionamentos: “Quais são os saberes Lunares Tupinikim e como o povo Tupinikim da aldeia de Caieiras Velhas se organizaram a partir da Observação Lunar? Como organizar todo esse conhecimento dentro de um calendário Tupinikim?”

### 3.2 Objetivos

#### Geral:

- Sistematizar um material didático com um modelo de calendário lunar Tupinikim a fim de valorizar os saberes lunares Tupinikim e a prática da pesca no rio Piraquê-Açú a partir da compreensão e organização do povo indígena da aldeia de Caieiras Velha.



### Específicos:

- Identificar os Saberes Lunares nas práticas culturais desenvolvidas pelo povo Tupinikim da Aldeia de Caieiras Velha;
- Entender como o povo tupinikim da Aldeia de Caieiras Velha organiza a prática de pesca no rio Piraquê-Açú a partir dos saberes lunares;
- Elaborar um produto educacional com alguma prática cultural que acontece na aldeia de Caieiras Velha.

### 3.3 Percurso metodológico

A pesquisa iniciou em 2016 na escola EMEFI Caieiras Velha, com os alunos do ensino fundamental II, desde o 6º ao 9º ano. Foi proposto aos alunos uma pesquisa com seus familiares, por meio de entrevista. Assim, em sala de aula, elaboramos vários questionamentos, que se baseavam em dúvidas que tínhamos sobre como os nossos mais velhos compreendiam e observavam a Lua.

A partir do diálogo, das conversas informais, os alunos anteriormente haviam destacados que sempre também ouviam seus pais e avós relatarem sobre se a Lua estava boa ou não para realizar as práticas culturais.

Desta forma montamos uns questionários com diversas perguntas, dentre elas:

- Quais são as fases da Lua?
  - Qual inicia o ciclo Lunar de acordo com os Tupinikim?
  - Quantos dias tem cada fase da Lua?
  - Como nosso povo Tupinikim consegue diferenciar no céu as fases da Lua? ●
- Quais atividades culturais possuem influência da Lua na aldeia de Caieiras Velha?





- Qual a melhor fase da Lua para pescar? Por quê?
- Quantos tipos de marés você conhece? Como se caracteriza cada uma?
- Quais as melhores épocas para pescar? A Lua exerce influência?

Estas e outras questões foram aplicadas dentro das famílias, e quando os alunos trouxeram os resultados, foi feita uma análise coletiva e novas dúvidas foram surgindo. Alguns alunos tiveram dificuldades para responder, pois não tinham a figura do sábio em sua família, uns porque seus avós já haviam falecido, outros porque eles não sabiam responder, outros porque moravam um pouco distante.

Assim, em sala de aula novamente fizemos um novo diálogo informal e listamos as principais atividades culturais, ou pelo aquelas que os alunos percebiam que a grande influência Lunar. Para que os alunos que não conseguiram pesquisar ficassem prejudicados, organizamos visitas às casas de alguns sábios e aplicamos os questionários acrescentando novas perguntas considerando as suas habilidades: na pesca, no plantio, na caça, na retirada de madeiras.

Desta forma entrevistamos a Dona Fiota, Dona Preta, a Dona Helena, o Seu Manoel, o Senhor Nício. Com a dona Zulmira (in memória-2017), a entrevista foi feita só com a professora. Visitei a sua casa por algumas vezes, pois a mesma já estava doente; meses depois ela faleceu.

Mas tive a oportunidade de conversar com elas em vários outros momentos. Com o Senhor Neguinho (in memória-2021), o diálogo também aconteceu mais em particular, pois o mesmo, não gostava muito de receber visitas, mas ele frequentava muito a casa do meu pai e tive a oportunidade de aprender muito com ele. Senhor Neguinho, como gostava de ser chamado; era um pescador e grande amigo do meu pai, vivia contando muitas histórias, era divertido.



Todos na aldeia admiravam sua sabedoria na pesca. Eu o considerava como meu segundo pai.

Junto com o Senhor Neguinho, Dona Helena e dona Zulmira, através de seus conhecimentos, consegui escrever uma narrativa Tupinikim, contando a origem do Sol e da Lua. Este texto também foi e continua sendo utilizado com meus alunos e é possível abordar algum tema da Astronomia.

Além das pesquisas também foi proposto aos alunos a elaboração de vários desenhos para identificar a influência Lunar. Muitos desses desenhos foram devolvidos. Mas no ano de 2019 resolvi dar continuidade, resgatei as entrevistas e propus no terceiro trimestre a continuidade da pesquisa e a produção de um calendário. Fizemos mais algumas entrevistas para sanar outras dúvidas, tais como por exemplo:

- Como deveria ser um calendário Tupinikim?
- Um mês tem quantos dias? Segue o Ciclo Lunar? Ou seria um caminho Lunar?
- Como marcar períodos de noites claras e escuras?

Com o tempo muito curto deixamos a proposta para o ano seguinte e nem assim foi possível, nem em 2020 e nem em 2021, devido a pandemia. Desta forma com o TCC, tive a oportunidade de dar a continuidade na pesquisa de forma mais individual. Visitei a casa novamente dos sábios e sábias que antes já havia me concedido a entrevista, gravei alguns diálogos, retomei as dúvidas que havia ficado para trás e sob a orientação da minha orientadora comecei organizar todo o material que já havia coletado.



A proposta inicial seria a confecção de um calendário que pudesse organizar os saberes lunares Tupinikim, porém compreendi que não tinha como eu elaborar um Calendário Tupinikim sozinha, além da Lua exercer uma enorme influência nas práticas culturais, o tempo de pesquisa seria insuficiente para abordar e pesquisar todas elas.

E este processo jamais conseguiria fazer sozinha, uma vez que o conhecimento é coletivo. Não posso elaborar um calendário e dizer que ele representa o novo povo. Desta forma a escolha de escrever um livro me pareceu mais agradável uma vez que eu poderia deixar registrado, vários outros saberes lunares, e também possibilitaria apresentar uma breve proposta de elaboração de um calendário Tupinikim, a partir da pesca no rio Piraquê-Açú.

Acredito que este produto educacional pode contribuir na elaboração de novos calendários, inclusive no Calendário Tupinikim para representar a minha aldeia Caieiras Velha.

#### **4 O PRODUTO EDUCACIONAL**

O produto educacional trata-se de um livro que traz os conhecimentos do nosso povo Tupinikim quanto a influência Lunar. Esses saberes são importantes pois marcam os tempos corretos para o desenvolvimento de nossas práticas culturais indígenas.

**Capítulo 1:** Apresenta como a pesquisa foi desenvolvida e traz uma música de congo de minha autoria, com elementos característicos sobre a importância da Lua.



**Capítulo 2:** Permite a compreensão da astronomia Tupinikim e dos relatos de histórias que foram narrados pelos sábios e sábias da aldeia de Caieiras Velhas. Esses relatos históricos são importantes para compreender a origem do Sol e da Lua e a relação desses astros com a Terra. Os significados dos mesmos traduzem o respeito com a natureza e também moldam nosso comportamento individual e familiar.

**Capítulo 3.** Apresenta a minha aldeia Caieiras Velha e exemplifica algumas práticas culturais que são desenvolvidas a partir da observação Lunar.

**Capítulo 4.** Caracteriza a Lua sob o olhar Tupinikim apresentando como nosso povo percebe e compreende as fases lunares, a classificação dos períodos e contagem, identificando as noites claras e escuras, a força, os tipos lunares e inclui como a Lua possui saberes que podem ser traduzidos em números.

Estes dados são importantes porque indicam os momentos corretos para a realização das práticas culturais e incluem os tempos de descanso do povo Indígena e ao mesmo tempo da mãe Terra.

**Capítulo 5.** Destaca a pesca no Rio Piraquê-Açú como um exemplo de prática cultural realizada na aldeia, que tem uma forte caracterização considerando a influência Lunar de acordo com os pescadores Tupinikim, assim o mesmo destaca, alguns tipos de pescas, o caminho que a Lua percorre no caminho, os tipos de marés, e os tempos de pesca.

**Capítulo 6.** Há uma proposta de um calendário Tupinikim que pode ser realizado, considerando como exemplo a pesca no rio Piraquê-Açu.

**Capítulo 7:** Nas considerações finais destaco a importância dos saberes lunares Tupinikim como valorização da cultura Tupinikim e apresento a necessidade para a



que a pesquisa possa dar continuidade e que desta forma haja elaboração de novos calendários, inclusive o que poderá representar a nossa aldeia de Caieiras Velhas.

**Capítulo 8.** Deixo algumas propostas de atividades que os alunos podem estar realizando, principalmente quanto à elaboração de outros calendários. Acredito que este produto educacional seja um material que os professores indígenas possam utilizar como auxílio em seus planos de aula. Ele também possibilitará a ampliação dos novos saberes Tupinikim. O mesmo pode ser utilizado por outros povos e esta é uma forma para que a cultura possa se manter viva.

## 5 CONSIDERAÇÕES

A Lua exerce uma grande influência nas práticas da cultura Tupinikim. Assim como os mais velhos, que são os nossos sábios e sábias da aldeia de Caieiras Velhas, ela também é considerada a nossa avó e possui uma grande importância, valorização e respeito.

Através da observação Lunar principalmente durante a noite, nós indígenas organizamos o que iremos fazer no dia seguinte. Os seus ensinamentos permitem usufruir dos recursos naturais de forma sustentável, sem agredir a mãe Terra.

Nossa aldeia é composta pela Mata Atlântica, capoeiras, manguezais, brejos; os rios Piraquê-Açú, Piraquê-mirim, Soé, e ela também está próximo a praia. Esses ecossistemas estão relacionados à cultura tradicional Tupinikim, e é deles que retiramos a matéria prima utilizada nas diferentes práticas do dia-a-dia.

Para cuidar da nossa mãe Terra é fundamental conhecer e compreender o percurso, o caminho Lunar: cada aspecto visual e posição determinam os dias de descanso, a força, a luminosidade e, conseqüentemente o que pode ou não realizar durante o dia.



Existem vários saberes lunares que podem ser utilizados como estratégia para elaborar um calendário Tupinikim. Para o Calendário de Pesca, por exemplo, é necessário conhecer a força da Lua, pois ela caracteriza os diferentes tipos de marés e estes determinam o tempo correto para pescar no rio Piraquê-Açú ou coletar mariscos no manguezal.

Mas existem mistérios que precisam ainda ser desvendados: será que todos os dias do ciclo lunar são contados e fazem parte do calendário Tupinikim? Que outros elementos da natureza precisam ser observados e analisados? A pesquisa

possibilitou a compreensão de como o Tupinikim na aldeia de Caieiras observa a Lua e se organiza. Mas o trabalho precisa ter continuidade. O diálogo com nossos mais velhos precisam ser fortalecidos, precisamos cuidar de cada um, não para colher a sua ciência, mas para que a partir dela, nós Tupinikim possamos continuar existindo.

A Lua, o Sol e a Terra precisam estar em equilíbrio, assim como as nossas famílias indígenas e para que esta perfeita harmonia aconteça, depende de nossas ações humanas, precisamos valorizar os conhecimentos tradicionais e milenares.

Quando um não indígena visita a nossa aldeia ou simplesmente passa pela rodovia que a corta ao meio, muitos não compreendem que as mudanças no ambiente naturais sofridos ao longo dos tempos, tais como o desmatamento e a poluição prejudicaram algumas de nossas práticas culturais.

Muitas outras práticas da cultura Tupinikim estão presentes em diversos elementos do dia, na organização da população, nos modos de ser e fazer Tupinikim. As tradições culturais continuam e acontecem de acordo com o núcleo e habilidades familiares. A observação Lunar é uma prática viva.



## 6 CRÉDITOS E AGRADECIMENTOS

Quero agradecer em primeiro lugar a Deus pela oportunidade de poder escrever e produzir este produto educacional no tempo certo e aos meus grandes sábios Tupinikim da aldeia de Caieiras Velhas que sempre me acolheram com muito amor e carinho e, desta forma compartilharam seus conhecimentos.

- Edivaldo Sebastião da Conceição/"Deval"
- Eunício Barbosa da Conceição/"Nício"
- Helena Coutinho/"Dona Helena"
- Joselina Ramos Alves/"Fiota"
- Manoel dos Santos/"Manel"
- Marinéia Pereira de Souza/"Dona Preta"
- In Memoria: Dona Zulmira Ana da Conceição e Senhor Neguinho

Tenho por todos uma grande admiração e respeito que nem consigo descrever. Aos meus filhos, esposo, meu pai; a toda minha família que me deram força nos momentos difíceis e compreenderam a minha ausência enquanto me dedicava à realização deste trabalho. Também quero agradecer a toda equipe da "EMEFI Caieiras Velha", aos meus alunos e seus familiares que se dedicaram e participaram direta e indiretamente durante o desenvolvimento da pesquisa. Sem eles esta pesquisa não seria possível. A minha orientadora Ozirlei, que acreditou no meu trabalho, me incentivou e despertou em mim, novamente a alegria de viver. Aprendi que todos somos capazes, sou muito grata por ter contribuído para realização desse sonho: escrever sobre o meu povo Tupinikim.



## 7 BREVE PALAVRA DA ORIENTADORA

Neste memorial, Adriana Vitoriano Barbosa, da Aldeia Indígena Tupinikim Caieiras Velha, conta sobre sua trajetória de vida pessoal, acadêmica e profissional até se tornar professora na escola, além de sua motivação para a escolha da temática do seu produto educacional.

Com o título “Saberes Lunares Tupinikim na aldeia de Caieiras Velhas”, Adriana escreveu um livro para conclusão do curso de Licenciatura Intercultural Indígena (PROLIND) da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) na habilitação em Ciências da Natureza e Matemática. Orientar o desenvolvimento deste trabalho foi um importante desafio que envolve memórias, culturas e experiências com e sobre os Saberes Lunares Tupinikim e a pesca e tudo mais que envolve essa prática tradicional. O produto educacional foi realizado no formato digital, e sendo assim, elaboramos um encarte com DVD e Pendrive para que possa ser de fácil acesso das escolas e de quem mais se interessar. O material produzido também foi alocado na plataforma do Youtube e tem caráter multimodal, ou seja, os vídeos, as músicas, as entrevistas, são mostrados por meio dos QR Codes de forma complementar, possibilitando que as diversas vozes que atuaram no desenvolvimento da pesquisa aparecessem.

O desejo de seguir os estudos, ser professora e apresentar a cultura Tupinikim contribuiu para que a sua proposta de um produto educacional, neste caso, um livro, pudesse mostrar e valorizar a cultura milenar, garantir a continuidade e permanência dos conhecimentos tradicionais em todas as gerações ensinando a utilizar os recursos naturais como estratégias sustentáveis, a fim de preservar a mãe Terra. O desejo de Adriana desde o primeiro momento de construir um calendário a partir dos saberes lunares tornou seu material expressivo e potente!





Este trabalho mostra que a observação do céu é muito importante para os indígenas, os corpos celestes e os fenômenos naturais que acontecem ao longo do dia ou da noite ensinam os modos de viver Tupinikim. Essa prática cultural permite compreender o tempo, o vento, a chuva, o comportamento dos animais e das plantas e atividades próprias da aldeia. A aproximação e identificação com a pesquisa despertou em Adriana uma pesquisadora Tupinikim dedicada, curiosa, responsável e ética, com o registro e divulgação dos conhecimentos sobre seu povo, valorizando a sua inserção na rede de pesquisadores indígenas.

A produção deste trabalho aconteceu durante o período da pandemia COVID-19 restringindo outras possibilidades de pesquisa e de produção, devido à obrigatoriedade de isolamento e distanciamento social. Assim, ao apresentar sua própria trajetória como estudante e professora Tupinikim, expondo os desafios e as dificuldades encontradas, Adriana demonstra sua capacidade de superação e de força em “resistir para existir”!

Na complexa tarefa de orientar uma pesquisa desenvolvida por uma professora e estudante Tupinikim sobre os modos que se apresentam os saberes lunares e a pesca, todo o meu respeito e gratidão pelo tempo de diálogo, leituras, aprendizado e, acima de tudo, formação pessoal como pesquisadora não indígena com uma professora indígena em território indígena.

Nosso agradecimento especial a todo povo Tupinikim pelos ensinamentos nessa trajetória e por compartilhar experiências únicas de construção de conhecimento e humanidade; a Universidade Federal do Espírito Santo, que por meio do curso de Licenciatura Intercultural Indígena, ter nos possibilitado o aprendizado de outras formas de educar e existir, pela práxis corajosa recriada a cada dia.



Com a pesquisa de Adriana Vitoriano Barbosa, outros caminhos se abrem para outros/as pesquisadores/as da aldeia de Caieiras Velha, para além de contar suas histórias, possam registrar as suas práticas, memórias, culturas e experiências.

Paz e Bem!

Ozirlei Teresa Marcilino